



É natural ter desejos

Keizo: Mestre Shin, o caminho do Buda pode ser traduzido como o caminho da felicidade?

Mestre Shin: Isso depende do conteúdo da felicidade que você pensa.

Keizo: Imagino que o conteúdo da felicidade que eu penso seja igual àquele que todos pensam. Acredito que a felicidade não seja tão variável.

Mestre Shin: “Eu quero isso e quero aquilo”. “Se eu conseguir aquilo, obterei a felicidade”. O desejo é algo que todos possuem. Se considerarmos o desejo como a motivação principal da vida, certamente não conseguiremos deixar de tê-lo. É natural que o ser humano não viva negando necessidades básicas, tais como a de moradia, alimentos e roupas.

Keizo: Concordo com o senhor. Mas eu não ficaria feliz só com essas necessidades básicas.

Mestre Shin: Na Índia, há aproximadamente 2.500 anos, ditava a tradição que os pertences dos monges se limitavam a três peças de roupa e uma tigela. Esta tradição era compreensível no clima indiano ameno, cuja sociedade dispunha de recursos para sustentá-los.

Keizo: Se fosse no inverno do Japão, os monges não sobreviveriam ao clima.

Mestre Shin: Exato. Num clima sujeito a intensas mudanças de temperatura, a vida não pode seguir o modelo da Índia. Além disso, em sociedades estabelecidas totalmente na troca monetária, a vida não perdura sem o dinheiro.

Keizo: Desta forma, os desejos minimamente necessários também variam conforme o ambiente em que você está. É difícil traçar uma linha divisória entre necessidades básicas e desejos excessivos.

Mestre Shin: O Budismo analisa rigorosamente o desejo humano. Isto porque o desejo embaraça, anuvia o olhar sobre a vida dos outros e aumenta o sofrimento tanto próprio quanto alheio.

Keizo: O Buda Shakyamuni se libertou do sofrimento, ou seja, ficou livre de desejos.

Mestre Shin: O Buda Shakyamuni não pretendeu subjugar o desejo. No entanto, ele defendeu o caminho do meio, ou seja, não recomendou o ascetismo nem o hedonismo.

Keizo: Ouvi falar que o Buda Shakyamuni disse: “O caminho do meio é difícil de encontrar”. Como uma pessoa longe de libertação como eu poderia encontrá-lo?

Mestre Shin: A expressão budista, “perceber o suficiente com pouco desejo” não indica que se deva praticar abstinência, e tampouco que se permita a cobiça. A importância da expressão é saber perceber o suficiente por meio de pouco desejo.

Keizo: O ser humano tende a ser dominado por sua visão egocêntrica e busca incessantemente o que mais lhe convém. Desta forma, sem o espírito de compreensão sobre o que é suficiente, a cobiça nunca cessaria. Haveria o desejo por uma coisa e logo em seguida, por outra, por mais dinheiro ou uma situação confortável de vida que se tenha.

Mestre Shin: Evidentemente. Quanto ao caminho do meio, segundo elucida o sutra, ele pode ser comparado a um instrumento de cordas. Um instrumento não toca quando suas cordas estão frouxas. Por outro lado, se estiver demasiado esticada, a corda pode ranger ou romper-se. Com a corda esticada na medida certa o instrumento se destaca por emitir um lindo som.

Keizo: Sei que ouvir o próprio som também é um desafio. Muitas vezes meu instrumento não soa lindo e até me desanima.

Mestre Shin: Isso significa que todos nós sabemos sentir o som lindo. O ser humano não conseguiria viver subjugando seus desejos e resistindo-lhes à força. Por outro lado, ele não emite nada senão um som muito frouxo ao perder o autocontrole. Podemos dizer que o caminho do meio é semelhante ao instrumento cujas cordas estão esticadas na medida exata.

Keizo: Por acaso, recitar o nome do Buda equivale a usar o afinador?

Mestre Shin: Gostei da interpretação.

